

Daora – Pop Rock

Fabiano Lemos

Introdução

Este trabalho faz parte da disciplina Práticas Musicais da Cultura 4 (PMC4), que tem por objetivo a análise de um grupo musical por meio de uma observação etnográfica, cujo objetivo é contribuir para o conhecimento científico da diversidade musical no cenário da Música Popular Brasileira.

Por questões de viabilidade, resolvi realizar o acompanhamento de um grupo que já atuei como tecladista. Atualmente, há outro músico que toca em meu lugar.

O contato com um dos integrantes do grupo foi feito pelo chat do *Facebook*. Disse que gostaria de assistir um ensaio para matar saudade das pessoas, e que iria fazer a observação para criar um relatório sobre o grupo, que faria parte de uma breve pesquisa.

Apresentação da banda

O grupo Daora é um grupo de pop-rock da zona oeste do Rio de Janeiro. É atualmente composto por Marchelo¹ (guitarrista e vocais), Mauro (Baterista e vocais), Bruno (baixista e vocais), Jhonhy (voz) e Pedro (teclados). Além dos músicos, há um “sexto elemento”, como a própria banda se refere: um DJ que também é empresário da banda, e acompanha todos os ensaios, contribuindo com sugestões. O grupo toca música de outras bandas e, embora tenha projeto de compor as próprias músicas, ainda continuam fazendo *gigues*² em festas de aniversário, bares do Rio de Janeiro e criando seus próprios eventos.

A banda surgiu em 2011 por iniciativa do antigo cantor, Renato. Ele gostaria de criar uma banda que tocasse pop-rock “acústico”, fazendo alusão aos trabalhos assim denominados por bandas de rock que regravam trabalhos com instrumentos acústicos, com novos arranjos contemplando as características desses novos instrumentos. A ideia original era recriar arranjos de músicas conhecidas nesse formato. Foram inseridos instrumentos como o violão, baixolão e seriam utilizados timbres de instrumentos acústicos pelo antigo tecladista, Fabiano.

A banda foi criando uma identidade própria, e os instrumentos elétricos foram aos poucos voltando. Em 2012, com a saída de Renato e Fabiano, a banda resolveu mudar o antigo nome de “six” para “Daora” e modificar o repertório anteriormente tocado.

1 Apresento a banda com os nomes artísticos, utilizado por eles na apresentação. Todos não usam seus sobrenomes ou apelidos para se apresentarem.

2 Jargão utilizado para designar um trabalho de músico, geralmente em bailes ou festas no cenário da música popular.

A observação ocorreu em um estúdio no bairro da Taquara, em um ponto bastante movimentado do bairro, tipicamente de classe média alta, com a vizinhança composta por franquias de lojas famosas. A banda ensaia uma vez por semana no mesmo estúdio desde o primeiro ensaio da banda, em 2011. Os integrantes da banda mantêm uma amizade com o operador do estúdio, que por vezes participa dos ensaios extrovertidamente, aluga equipamentos e faz *sub*³ de guitarrista ou cantor quando necessário.

Contextos gerais

O ensaio é organizado semanalmente, independente de ter local para tocar. O horário do ensaio varia de acordo com os compromissos dos integrantes, podendo ocorrer aos domingos, à noite ou de acordo com a disponibilidade do estúdio.

Como se trata de um ensaio, os integrantes da banda se vestem de modo cotidiano, uns trajando chinelos e camisas de time de futebol, outros vindo direto do trabalho. No entanto, durante os shows a banda possui uma camiseta com o nome da banda e por vezes combinam outras roupas alternativas, adotando algum padrão.

Na observação empírica, não foi possível observar a interação de um público, uma vez que se tratava de um ensaio. No entanto, uma vez que já participei do grupo, podia observar que por se tratar de festas, a música em questão era vista como entretenimento para as pessoas.

O cantor da banda era quem interagia diretamente com o público, juntamente com o DJ⁴, que era também uma espécie de animador, tanto na apresentação da banda quanto nos intervalos de descanso, que ele efetivamente atuava como DJ. Essa interação acontecia no intervalo das músicas ou em refrões de canções conhecidas na mídia, pedindo para o grupo cantar.

A interação com o público ocorria através do canto coletivo nos momentos de interação do show. A interação também acontecia quando algumas pessoas colocavam pedaços de papel no palco ou entregavam a algum músico. Nesse pedaço de papel eram feitos pedidos de músicas, que por vezes eram atendidos, uma vez que os músicos participavam de outras bandas, e possuíam uma espécie de “enciclopédia” de músicas memorizadas, comum ao repertório tocado na noite daquela região. Já a interação do público entre si ocorria de modo informal, conversando alto, dançando e bebendo.

Aspectos musicais

Quando as pessoas fazem música, no determinado contexto do ensaio, elas aparentam estar produzindo algo que os dê prazer. O fato de um estúdio musical isolar os sons de fora do ambiente e propagar de maneira satisfatória – ao menos para a comunidade ali presente, de acordo com a estética de pop-rock – parece ir de encontro a tal prazer, com as vibrações dos sons transmitidas por caixas acústicas, mas produzida por seres humanos, pois “Discos, fitas e rádios não fazem música, as pessoas é que a fazem, e outras pessoas a escutam.” (SEGGER, 2008, p. 239).

3 Do jargão musical, seria uma substituição. Quando algum músico não pode tocar por ter outros trabalhos no mesmo dia ou por outros problemas, é comum que outro músico faça o trabalho.

4 Ou disk-jockey.

O arranjo no tempo do grupo presenciado parece, ao meu modo de ver, estar confinado a uma música produzida pela indústria cultural de algumas décadas, destinada a um público específico que consome aquela música como diversão. Dessa forma, o que organiza os sons da banda presenciada e de grande parte dos grupos de pop-rock ao redor do mundo são os princípios de afinação temperada, juntamente com o padrão teórico europeu, por vezes com harmonias modais.

Podem ser observados padrões presentes em todas as músicas ouvidas durante o ensaio. Células rítmicas repetidas na bateria, por vezes em várias canções, com pequenas modificações, como a figura rítmica que podemos encontrar na Figura 1.

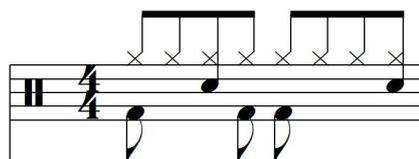


Figura 1: Clichê rítmico observado para bateria - gênero pop/rock

Clichês harmônicos que se repetiam em canções, por vezes de artistas de décadas diferentes, geralmente pautados nas tríades tonais, e por vezes modais que enfatizada o intervalo de quintas paralelas, no caso das músicas do gênero rock. Podemos ver na figura 2 um exemplo tonal de um clichê harmônico de uma música do repertório, que era repetida em outras tonalidades, e por vezes com o ritmo harmônico modificado.

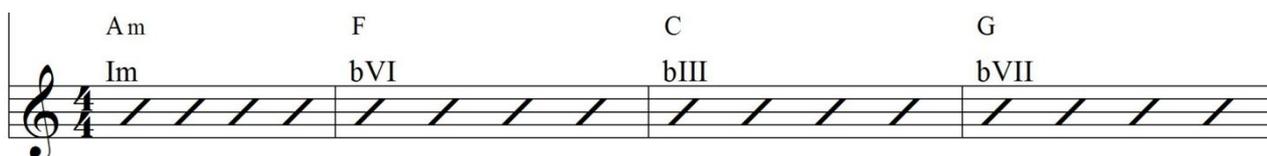


Figura 2: Clichê harmônico com análise – cifra funcional

Mesmo quando se tratava de um arranjo que a banda Daora criou para músicas originalmente tocadas por outras bandas, esses traços eram visíveis. De modo geral, a banda apresentava músicas com ampla tessitura vocal para o cantor principal. Pude observar um traço característico que é o coral com *divisi* em terças ou sextas ou em até três vozes, no caso de músicas de bandas de rock como The Smiths, The Beatles e outras. Na “noite” da cidade do Rio de Janeiro não é comum ver bandas com arranjos vocais bem trabalhados. Outro destaque é que cada músico que faz os vocais – ou backing vocals – canta uma música solo em um momento da apresentação.

Segger (2008, p. 255) aponta que alguns tipos de música, são apropriadas a diversos locais, tempos e audiências, como o caso do jazz. No contexto da banda analisada e suas apresentações, embora alguns indivíduos do grupo fossem músicos

profissionais, e por esse motivo, estivesse envolvido razões financeiras que dizem respeito a profissão de músico (ver SILVA, 2005). Portanto, mesmo dentro de um grupo, podem haver indivíduos com diversas motivações, seja unicamente financeira, seja pelo prazer estético proporcionado, seja por estar compondo uma *network* (rede) de músicos ou aprendendo a tocar um estilo musical diferente. Da mesma forma, os apreciadores do grupo ouvem o som em determinado contexto, lugar e tempo por diversos motivos, mas no caso em questão, geralmente relacionados a diversão/entretenimento, plano de fundo para diálogo – o que lembra o conceito de *muzak* –, ou amizade com os integrantes do grupo.

Da mesma forma, o que levou os músicos a se organizarem para fazer música foi o compartilhamento de um gosto musical em comum, aliado à necessidade de montar um grupo com músicos tivessem uma técnica satisfatória para o gênero musical escolhido. Por terem a música como profissão e fonte de renda, todos os integrantes participam de outros tipos de música, executando estilos musicais regionais, nacionais e internacionais comuns ao repertório executado pelas rádios locais da cidade do Rio de Janeiro ou ainda vinculada às grandes mídias, uma vez que tal repertório massificado se torna uma exigência do público presente nas apresentações.

Portanto, a ação do público tem papel importante na performance do grupo, e o grupo prevê as músicas que irão “funcionar” em determinado contexto e tempo de acordo com alguns parâmetros traçados pelo grupo, como o sucesso que determinada canção faz e acaba por provocar efeito eufórico em um público. Ainda como parâmetro, o grupo considerava seu gosto pessoal, por vezes tocando repertórios denominado “lado B” de alguns artistas, que poderiam não provocar tanto efeito, mas satisfazia o prazer estético dos integrantes, além de possivelmente agradar os possíveis *connoisseurs*⁵ das bandas presentes nos eventos.

O efeito das performances sobre os músicos são os mais variados: desde a proprioceptividade⁶ em reação aos sons produzidos, até movimentações e interações com o público – no caso da observação, simulando a interação com o público em um estúdio – caracterizando imitações de outros grupos do gênero pop/rock. A audiência ouve a banda tocar dançando e cantando em praticamente todas as músicas, assim como os músicos tocam de pé e realizam movimentos com o tronco e cabeça. Durante o ensaio, alguns músicos preferiam tocar sentados.

Uma vez que se trata de composições de outros artistas, sendo uma banda cover, a forma de composição presente constatada ficou na releitura de algumas músicas ou pequenas modificações de convenções para emendar várias músicas de andamento similar ou de um mesmo artista, fazendo um *medley* ou *pout-porri*. A banda contava com muitas músicas nesse formato, pois segundo eles, ajudava a manter o interesse do público e a pista de dança cheia. Nesse sentido, não havia um padrão predominante. Tais arranjos eram criados por todos os músicos durante o próprio ensaio, testados, e se agradasse a uma maioria, seria aprovado para execução. Nesse sentido, não havia um dom, e cada músico teria a liberdade de opinar, criar suas ideias ou criar a partir de um conceito de um componente do grupo.

5 Do francês, conhecedores. O termo é originalmente usado para os especialistas em vinhos. Utilizo aqui tal termo para o ouvinte que conhece grande parte do repertório do gênero tocado, que conhece os sucessos de uma banda, assim como todas as músicas restantes dos álbuns.

6 Movimento espontâneo realizado por algum membro do corpo em resposta a determinados sons.

Conclusão

Ao realizar esta pequena pesquisa etnográfica, tivemos uma experiência que extrapola a simples análises dos sons musicais. Com isso, há um processo de reflexão sobre a observação empírica de um grupo musical. Ao fazer uma ligação do texto de Segger (2008) com a observação, acabei por relacionar conceitos do pop/rock com aspectos gerais etnográficos, contribuindo para o acúmulo de capital cultural sobre etnografia. Segundo o autor:

Antes dos músicos iniciarem sua performance eles devem ter passado por um longo treinamento em alguma tradição musical; a música que eles executam deve ser significativa o suficiente para justificar a eles e à audiência o tempo, o dinheiro, a comida ou a energia utilizada no evento. Os músicos têm certas expectativas da situação em que estarão envolvidos, do seu papel e das ações do público. (SEGGER, 2008, p. 238)

Portanto, observamos no estudo de caso da banda Daora aspectos de significância musical, expectativas de interação com o público – simulada nos ensaios –, aspectos formais de análise musical e extramusical, além de uma reflexão sobre o processo de fazer musical, que implica em um processo de validação de uma cultura local, mesmo que o gênero musical seja o dito “pop”, ocorrido em diversos países de forma similar. Afinal, “a música está tão enraizada em culturas de sociedades específicas quanto a comida, a roupa e até a linguagem.” (SEGGER, 2008, p. 239).

Referências bibliográficas

SEGGER, Anthony. Etnografia da Música. in: Cadernos de campo. Nº 17. Tradução: Giovanni Cirino. São Paulo: 2008. p. 1-348.

SILVA, José Alberto Salgado e. Construindo a profissão musical: uma etnografia entre estudantes universitários de música. Tese de doutoramento. PPGM – UNIRIO, 2005.